

MÍRIAM VIRNA

O BOSQUE, OS PISOS DE ESPELHO E O CLUBE DE GRAMA

José Varela/CB



Bloco F de Fantasia. Superquadra Sonho. Abro as janelas da sala do apartamento. Lá fora, a chuva banha os carros, as gentes, a natureza. Entre os que recebem felizes as águas celestes, as árvores que dão de frente pra minha janela: Helena, Maria, Elizabeth são minhas amigas e levam nomes escolhidos por mim. Os arbustos são rapazes. Conversamos sempre, telepaticamente. Meus olhos fazem como o céu, também choram. Hoje, completo 8 anos. Quando for adulta, vou dar a isso o nome de melancolia. Essa senhorita sempre me visita e, no dia do meu aniversário, obriga-me a fazer sala.

Helena, Maria e Elizabeth fazem parte do meu mundo de imagens poéticas. Elas compõem, juntamente com outras milhares de árvores, um mágico e generoso bosque que faz das asas do avião, a Sul e a Norte, lugar para vôos especiais.

Pelas quadras afora, eu vou bem sozinha. O bosque guarda mistérios, mas é seguro. No percurso pra escola, cultivo amizades. São outras tantas árvores que sossegam a minha solidão de menina. Elas me dão conselhos e se fazem de platéia quando ensaio uma música nova.

Minha mãe ajudou a fazer o bosque. Ela plantou árvores porque antes era só terra vermelha. Ela disse que a terra era bonita, mas não sossegava a solidão de ninguém. Por isso, eles decidiram fazer o bosque por aqui. Acharam também que o verde das copas e da grama ficaria bonito com o azul do céu.

Há vários tipos de árvores, todas muito maternais. Elas têm folhas com formas e cores diferentes, alturas distintas, troncos originais, cascas singulares. Algumas com raízes que não se contentam em ficar debaixo da terra. Tem cipó até. É que o bosque vira floresta às vezes. Do lado da floresta, tem parquinho de areia. Às vezes, o bosque vira só um jardimzinho bonito em frente ao bloco, onde tem porteiro de uniforme que rega as plantas e gosta de criança.

Terra vermelha é linda demais, mas o bosque me dá sombra e me faz companhia quando eu vou pra a aula de balé.

De sapatilhas cor-de-rosa percorro os passeios e as

calçadas. Enquanto caminho, mergulho o pensamento no bosque, outras vezes mergulho pro alto, no céu. A mamãe sempre diz pra gente mergulhar no céu. Atravesso as ruas das Superquadras Sonhos, feitas de asfalto que machucam o joelho quando a gente cai de patins ou bicicleta. Também amaciam a sola da sapatilha. Às vezes, escolho ir pela superfície brilhante dos pisos de certos blocos. Tem porteiro que nunca deixa e gente passar de bicicleta ou patins pelos chãos de espelho. Diz que estraga. Dá grito e diz um palavrão. Piso de bloco é pra ser pisado por sapatilha de balé, salto alto de mulher linda, que vai para o trabalho (a mamãe!), ou pé descalço de crianças que brincam de queimada (droga... tem porteiro que não deixa!). Ou bota suja de porteiro que diz palavrão, cheira a álcool e não gosta de criança.

Gosto de interferir nos apartamentos e sair correndo. Uso kichute pra ficar veloz como o homem de seis milhões de dólares. Nem tiro o uniforme da escola. Eu não ligo!

Meu pai mandou fazer um parquinho, só pra mim, lá na Colina onde ele mora. Era noite quando chegamos por lá e vi, pela janela do táxi, parquinho novinho em folha. Era redondo, o parquinho. Trepa-trepa, balanço, roda-roda, areia branquinha. Rodo até me arrepender. Tinha cerca e portãozinho. Gostei. Nem subi para o apartamento 11, fui logo conhecer o parquinho feito só pra mim. Lá encontrei um menino.

— Sai do meu parquinho, disse eu.
— Este parque não é seu, disse o chato.
— É sim. Meu pai mandou fazer pra mim. Você tem que me pedir permissão pra usar.

Tentei tirar o menino à força. Apanhei muito dele. Até hoje, todos usam o meu parquinho sem a minha permissão. Fazer o quê? Eu não quero apanhar mais.

Quando não é o fim de semana do papai, o nosso programa com a mamãe é o clube. A gente vai de fusquinha cor de mostarda. Tinha acabado o fusca amarelo quando ela foi comprar... Eu adoro o nosso clube! É o melhor! A piscina é grande e tem um formato diferente. Como muitas coxinhas, picolé fura-bolo

e fanta uva. A mamãe disse pra eu e o meu irmão colocarmos tudo na conta que ela paga no final. Tem várias coxinhas na conta! Adoro almoçar coxinha! Adoro passear, coxinha na mão, pelo gramado do clube. Em domingos especiais, tem churrasco com os amigos da mamãe.

Há outro clube logo em frente. As pessoas que entram naquele portão têm carros mais brilhantes e mocinhas vestidas de branco olhando as crianças no banco de trás.

Um dia, a minha melhor amiga, Isabela, foi passar o final de semana lá em casa. No outro dia, a gente foi ao clube. Quando a gente chegou, ela disse apontando para o clube misterioso:

— Esse clube é do meu pai! A gente pode entrar lá!
A mamãe deixou. Isabela e eu entramos no clube do pai dela.

— É da Aeronáutica, ela disse.
— O nosso é da Imprensa, eu disse.

Eu nunca tinha visto coisa como aquela. Lá, não tinha grama nem árvores. Era tudo de cimento e guarda-sol. Achei bonito. Tinha até ilha de azulejo na piscina. Fiquei sem graça do meu clube. Mas pensei:

— A piscina deles não tem um formato diferente, nem sapo afogado no fundo.

No final, Isabela gostou do nosso clube de grama e comeu muitas coxinhas comigo.

Quando eu crescer e dirigir carro, vou sentir saudade de me perder pelo bosque e alamedas. Vou esquecer das cigarras secas nos troncos das árvores e a maravilhosa coleção que fazia com elas. Vou sentir falta de descobrir novos pisos de espelho e vou acabar me entediando com o percurso feito quase que automaticamente pelo meu veículo automotor.

Quando eu crescer e tiver uma profissão, vou escolher uma que me deixe criar as imagens que a minha mente hoje absorve. Linhas retas que dividem espaço com o arredondado das tesourinhas e balões. A ordem, a forma e a disciplina abrem humildemente espaço para a brincadeira, a liberdade e o mistério do bosque.

Atriz formada pela Universidade de Brasília (UnB) em 1999, a brasiliense Miriam Virna, 34 anos, destacou-se como diretora de espetáculos autorais e instigantes. Representa a nova geração de criadores locais que leva ao palco montagens esteticamente cuidadas. Em produções como Propriedade condenada, Decamerão, Contos de alcova e Fragmentos e sonhos do Menino da Lua, revela preocupação com arte que escapa de moldes comerciais sem, no entanto, tornar-se hermética ao público. Tem formado platéia na cidade e desvelado nova geração de atores.